



Depoimento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para documentário sobre Carlos Marighella

Palácio da Alvorada, 25 de junho de 2010

Jornalista: Presidente, a gente está fazendo um documentário sobre Marighella, mas eu queria começar perguntando: o senhor conhece a Clara Charf, viúva de Marighella há muitos anos. Ela vem, desde [19]79, tentando resgatar essa figura que ficou uma pessoa desconhecida e mal conhecida, aí, na história, resgatar a imagem de Marighella. O que o senhor tem para falar sobre essa luta dela?

Presidente: Olha, primeiro, eu penso que a Clara Charf é uma das pessoas que se não existisse, deveria nascer para existir, pela dedicação dela, pela combatividade dela, pelo grau de caráter que ela tem e pela luta dela em recuperar a história viva deste país que aconteceu nos anos 60, nos anos 70. A Clara é uma guerreira. Eu convivo com a Clara há 30 anos, ou seja, quase o mesmo tempo que eu convivo com a Marisa, eu convivo com a Clara, e ela tem sido uma companheira de uma clareza política extraordinária porque, diferentemente de outros, a Clara é uma mulher que tem flexibilidade para mudar de posição, para compreender o novo momento, para compreender a história como ela é em cada momento. Ela não é uma pessoa sectária, que defende uma coisa só. Não, ela tem competência e tem agilidade mental, maturidade política de compreender o mundo como ele é. Eu adoro a Clara como figura humana, como figura política, como companheira do PT. Eu, até... ela pediu para mim... Eu falei com o presidente Raúl Castro para ver se em Cuba tem alguma coisa, algum filme falado do Marighella, porque ela não tinha nada que falasse do Marighella. Eu pedi para que o presidente Raúl investigasse para ver se tem. Vamos ver se eles acham alguma coisa.



Jornalista: O Marighella, como vários outros brasileiros, lutou por muitos anos por um Brasil melhor, por um Brasil mais justo, por um Brasil mais solidário. Que legado o senhor acha que essas pessoas deixaram e deixam? A figura de Marighella significa o quê?

Presidente: Olha, eu penso que todas as pessoas que lutam por aquilo que acreditam merecem o respeito da gente. Se certo ou errado, não importa. Eu acho que o Marighella faz parte, ou melhor, ele fez parte de uma geração brasileira que lutou contra um regime autoritário e, portanto, lutou para conquistar a democracia de volta para o nosso país. Isso, por si só, merece respeito. O dado concreto é que num determinado momento da história do Brasil, as pessoas que nas décadas de 60 e 70 se colocaram contra o regime militar foram vendidas à opinião pública como se fossem bandidos, como se fossem terroristas, como se fossem gente do mal, como se pertencessem ao eixo do mal. Normalmente, é assim que se trabalha, não é? Você mostra as pessoas que são contra você de cara feia, sempre carrancudos, sempre mal colocados, não tão bonitos como eu estou aqui agora, e você mostra os mocinhos. É muito cópia do que os americanos fazem com os árabes, e que faziam com os russos, e que faziam com os chineses, ou seja, todos os outros eram feios e eles eram todos bonitos. Aqui no Brasil também se fazia assim. Então, durante muito tempo se colocou na sociedade a ideia de que as pessoas que lutaram pela conquista da liberdade eram terroristas, eram comunistas, eram não sei das quantas. A mim não importa o que eles eram. A mim importa que eles eram brasileiros que lutavam por uma coisa que eles acreditavam melhor para o Brasil, que era a conquista da democracia, porque somente a partir dela é que a gente poderia fazer outras coisas. Não deu certo. Eu tenho, às vezes, feito reflexões, discutido com companheiros, que muitas vezes a gente ganha, não ganhando; a gente ganha perdendo.



Veja que coisa fantástica: a Dilma Rousseff, presidenta do Brasil. Ela que foi considerada terrorista, ela que foi considerada... que foi presa mais de três anos, ela que foi torturada, De repente... É mais do que ela brigou! Ela não brigou por tudo isso porque ela jamais imaginou ser presidente da República deste país, e ela vai ser. Vai ser porque ela se adaptou à história, pegou as oportunidades políticas que a sociedade brasileira construiu ao longo de tantos anos, e também como resultado da luta daqueles da década de 60, porque foi a morte de alguns, a luta de outros que permitiram que a gente chegasse até aqui.

Então, eu acho que essas pessoas que lutaram e que morreram, como o Marighella, eu acho que elas podem estar no céu... não sei se elas acreditam que tem céu, mas, se estão no céu, certamente estão olhando e falando: "Olha, valeu a pena morrer. Valeu a pena porque nós estamos agora colhendo aquilo que nós plantamos na década de 70". Alguns plantaram até antes, até na década de 30, na década de 20. Então, eu estou ciente de que valeu a pena a luta desses companheiros.

Uma coisa que eu tenho dito sempre é que, muitas vezes, setores da esquerda brasileira cometem um erro. Nós somos um país que não tem heróis porque nós não construímos os heróis. Você imagine que o único herói público brasileiro, festejado por todo mundo, foi Tiradentes, que foi esquartejado, salgado, pendurado no poste, e depois os que fizeram isso o transformaram em herói. As Forças Armadas brasileiras adotaram Tiradentes como símbolo. Nós não fazemos isso com outras pessoas. Nós temos outras pessoas. Poderia pegar, para não ficar só na esquerda, Marechal Rondon, por exemplo, foi o cara que fez a integração deste país. Marighella, por exemplo. Nós ficamos, muitas vezes, lutando para punir quem o matou - e já foi punido quem o matou, porque morreu também - em vez de a gente ficar enaltecendo a luta que ele fez, para que a juventude, em vez de ficar aprendendo que ele foi vítima, aprenda que ele morreu em combate e que se transformou em herói.



A gente não pode, numa guerra, ficar toda vez chorando os nossos mortos. Nós temos que dizer: vale a pena morrer quando a causa é justa. Tem tantas pessoas que viraram heróis depois de mortas. Sandino, na Nicarágua. Sandino era um *terrateniente*, como diz lá, um latifundiário, e pelo processo democrático ele foi assassinado e virou herói, símbolo da Revolução feito pela esquerda.

Então, eu acho que o Marighella é um herói, como Gregório Bezerra. Então, eu acho que nós não trabalhamos isso corretamente. Eu já disse isso em vários depoimentos meus, em vários discursos, mas eu acho que nós precisamos parar de chorar as mortes e enaltecer a razão pela qual esses companheiros morreram. Eu acho que o Marighella é isso: é um homem que lutou pela democracia, é um homem que acreditava que a democracia era melhor para o país. Morreu assassinado, não conseguiu ver isso. Morreu em 1969 e, certamente, hoje ele está vendo que valeu a pena, porque tem tanta gente oriunda daquele momento que está aqui agora, vivendo, participando, construindo este Brasil que, se Deus quiser, vai ser cada vez melhor.

Jornalista: E ainda era um negro mulato baiano! Maravilhoso. Obrigadíssima. Estou emocionada.

(\$31DHJLP)